

RÊGO, Rafael Almeida Pereira do. A cabeça cortada da velha América. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UFBA; mestrando; Catarina Sant'Anna. Ator e diretor

## RESUMO

Propõe-se a análise das imagens poético-dramáticas de decapitação presentes no texto dramático "Flores D'América" (1998) de João Denys Araújo Leite (1957). Está em jogo o imaginário sertanejo, onde figuram a seca, a pobreza, o poder autoritário de uns e outros, a solidão e notadamente o cangaço. Mas como pano de fundo dos aspectos históricos-culturais regionais nordestinos, encontra-se a sombra de todo um continente, na configuração da personagem Dona América, a degolada em questão. Essa comunicação faz parte da pesquisa de Mestrado desenvolvida dentro do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UFBA, sob orientação da Prof. Dra. Catarina Sant'Anna.

**Palavras-chave:** dramaturgia; cangaço; América Latina; imaginário.

## ABSTRACT

This presentation analyses the poetic-dramatic images of decapitation in the dramatic text "Flores d'America" (1998) by John Denys Araújo Leite (1957). It involves the "sertanejo" imaginary, which includes drought, poverty, authoritarian power, loneliness and specially the "cangaço". But, as the background of the northeastern regional historical and cultural aspects, there is the shadow of an entire continent, in the configuration of the character of *Dona América*, who is beheaded in the piece. This presentation is a partial result of the research conducted within the activities intended to achieve a master of arts degree in Performing Arts at the UFBA, under guidance of Prof. Catarina Sant'Anna PhD.

**Keywords:** dramaturgy; cangaço; Latin America; imaginary

*Flores D'América* (1998) drama seco de João Denys Araújo Leite, integra a Trilogia do Seridó juntamente com *A Pedra do Navio* (1979) e *Deus Danado* (1993), é construído sobre o lastro do imaginário sertanejo, com fortes referências ao cangaço, aos costumes e religião da região Nordeste o Brasil. E o texto conta a história de Dona América. Entre máquinas de costura, almofadas de renda e tecidos vivem América e suas duas filhas gêmeas Das Dores e Soledade no sítio Santa Cruz, localizado na cidade de Europa. A mãe criou as meninas "na castidade, na santidade", prometidas à Nosso Senhor Jesus Cristo. América havia parido vinte filhos homens que não se criaram, morreram todos logo após o nascimento. E foram enterrados ao redor da casa.

Já nesta descrição percebemos o jogo alegórico com que o dramaturgo trabalha, ao referenciar-se, por exemplo, à Terra de Santa Cruz, o primeiro

nome dado ao Brasil, na nomeação da personagem, América e na de sua propriedade, Europa.

Europa é um sítio protegido, acredita Dona América, sua casa é guardada pelos vinte “anjos encouraçados”, os seus vinte filhos enterrados ao redor da casa. No sítio há um olho d’água que não seca nunca, objeto de desejo da população sedenta, à qual América sempre permite que sacie sua sede. Mas ali não encosta polícia, juiz ou delegado, e se por acaso alguma deles se atrever, América está pronta, de rifle em punho, para defender suas terras, suas filhas e sua moral. Figura envolta em mistérios é um mito em sua cidade.

É uma costureira e bordadeira, viúva que não dorme nunca. Está sempre em vigília, zelando pelas suas filhas e pela sua terra. Tendo sido roubada da casa dos pais pelo marido com treze anos, perdeu a visão de um dos olhos na fuga, quando um garrancho lhe furou o olho direito. Dona América é a “senhora do tempo” nas suas terras. Faz os dias e as horas correrem à sua vontade, com simples gesto de arrancar as folhinhas do calendário, América arbitra o tempo. Criou suas filhas sozinhas, após ser deixada pelo marido Pedro Pereira, que ela diz ter morrido assassinado pela polícia. Mas esta é apenas uma das versões do desaparecimento de Pedro.

Em *Flores D’América* nenhuma história possui uma versão verdadeira e definitiva, todas são cheias de lacunas e de informações desconstruídas. Tudo é mistério em América, janelas entreabertas que apenas revelam pedaços de sua história. Nada é claramente informado, alguns indícios são deixados pelas suas ações, partes são reveladas pelas suas falas, outras pelas falas das filhas em que compõem a imagem da mãe e pelos comentários trazidos da rua.

*Flores D’América* está recheada de referências ao universo do cangaço, pois, como diz o próprio autor, trata-se de um “texto teatral estribado numa poética do imaginário cangaceiro, através das vaporizações femininas”(LEITE, 2005, p.5). Embora não esteja presente na cena, a figura do cangaceiro paira como uma sombra na casa de Dona América. Existem menções explícitas aos costumes, histórias e práticas dos cangaceiros e identificam-se também algumas alusões indiretas a este universo tão singular dos bandoleiros na criação de imagens pelo dramaturgo. Aqui analisamos as imagens de decapitação presentes no texto.

As cabeças cortadas fazem parte do imaginário cangaceiro, a prática tornou-se bastante comum ao fim das lutas travadas entre os bandoleiros e as tropas volantes da polícia que perseguiram incansavelmente os bandidos por entre a caatinga sertaneja. Luiz Bernardo Pericás aponta serem três os motivos principais de tal prática: o primeiro seria a quebra do preceito cristão de inviolabilidade e indivisibilidade do corpo – ao terem suas cabeças cortadas os bandoleiros teriam suas almas perdidas; o segundo seria de ordem prática, pois se tornava muito difícil o transporte dos corpos inteiros, e fazia-se necessário a exposição de provas da eliminação dos cangaceiros; por fim aquelas cabeças exibidas em praça pública representavam “troféus” para os oficiais vitoriosos (PERICÁS, 2010).

Encontramos, também, no clássico livro de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, de 1902, uma bela descrição de uma espécie cactácea característica da região, que nos faz imaginar que até a vegetação contribuiu para este imaginário de cabeças decepadas, de sangue e horror, diz Euclides:

[...] os cabeças-de-frade, deselegantes e monstruosos melocactos e forma elipsoidal, acanalada, e gomos espinescentes, convergindo-lhes no vértice superior formado por uma flor única, intensamente rubra. Aparecem, de modo inexplicável, sobre pedra nua dando, realmente, no tamanho, na conformação, no modo por que se espalham, a imagem singular de cabeças decepadas e sanguinolentas jogadas por ali, a esmo, numa desordem trágica.(CUNHA, 2002, p.76)

Segundo a concepção platônica a cabeça por sua forma esférica é comparável a um universo. Entende-se a cabeça como um microcosmo. Entretanto, essa cabeça também pode simbolizar o “ardor do princípio ativo”, que guarda em si a autoridade de governar, de ordenar, de instruir (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000, p.152). As mais diversas tradições aludem ao fato de que o corte desta parte do corpo, quando se trata do inimigo, e a conseqüente exibição da mesma como troféu, garante ao vencedor a soberania frente ao vencido. “A cabeça simbolizava [...] a força e o valor guerreiro do adversário, indo incorporar-se aos do vencedor, e a degolação ainda garantia a morte desse mesmo adversário.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000, p.152).

João Denys já apresenta a primeira imagem de degola na primeira cena, ao fazer surgir uma das filhas de Dona América, Soledade, erguendo a cabeça ensanguentada da jumenta Benedita – a mãe de leite das irmãs –, em seguida surge na cena Das Dores, a outra filha, empunhando um enorme facão – outra marca do imaginário sertanejo –, é ela a assassina daquela que lhe alimentou.

Podemos entender esta primeira degola como um possível ensaio do assassinato de Dona América e que será levado a cabo no 4º Mistério, é a primeira tentativa das filhas de cortarem os laços com a opressora mãe, inferimos isto pela fala da própria Dona América: “AMÉRICA (*Profética*) Castigo do céu! Você cortou minha cabeça!” (LEITE, 2005, p.34) ou mais a frente, nesta mesma cena, quando brada que as filhas a mataram. A partir deste primeiro acontecimento que foge ao seu controle, pois até então tudo esteve sob o seu jugo, Dona América ver ruir o seu domínio absoluto sobre tudo e todos dentro daquelas grossas paredes de sua sala.

E, afinal, no 4º Mistério, tem fim a agonia desta mãe, pois, após tramarem às escondidas o assassinato e a sua fuga para o mundo – em busca da vastidão que existem para além daquelas paredes que tanto as oprimem –, as irmãs Das Dores e Soledade assassinam a Dona América, degolando-a. Desta vez é Das Dores quem surge na cena erguendo a cabeça degolada, que ainda tem os olhos abertos, fazendo-nos recordar as famosas fotografias das cabeças de Lampião e seu bando – mortos e degolados em 1938, que muito se reproduziram e se espalharam pelo país, fixando-se no imaginário do povo sertanejo –, as filhas depositam a cabeça num das mesas da sala e após arrumarem o que lhes é possível carregar saem, vão para longe daquela casa,

daquela terra, para longe daquele ambiente claustrofóbico e opressor em que Dona América as conservou.

Porém, no 6º Mistério, Dona América reaparece, com sua cabeça recolocada sobre o pescoço. Como a figura mitológica da Fênix, a ave que após arder em chamas ressurgue das cinzas, Dona América é a Fênix do horror, que do sangue e da morte violenta ressurgue. Costurando sua própria cabeça – talvez com o fio de Cloto, a primeira das parcas, a que tece o fio da vida –, Dona América realiza aquela que considera a renda mais difícil já executada pelas suas mãos acostumadas a dominar os bilros com que fez léguas e léguas de renda.

Esta América que não se dá por vencida. Que se levanta de seu sofrimento e apresenta-se como uma alegoria da resistência de todo um continente, é a América Latina. E que mesmo dizimado, explorado e massacrado por longos séculos, tendo toda a sua riqueza roubada por colonizadores que só se preocupavam com o lucro, de preferência em excesso, que aquelas terras poderiam render. E acorriam aquele manancial, aquele “olho d’água” que se acreditada nunca parar de “chorar”, aquela terra em “que se plantando tudo dá”. A América ainda se manteve de pé, mesmo com as suas “veias abertas” formando rios e rios de sangue.

Muitos foram os que, como Dona América, perderam suas cabeças, real ou simbolicamente, por conta de seus desejos e sonhos. E é a esses “degolados” que também faz referência o dramaturgo, ao apresentar estas imagens de decapitação em seu texto dramático, como se observa em um dos “tributos preliminares” e a dedicar sua peça “a todos aqueles que perderam suas cabeças por causa de suas ideias e sonhos” (LEITE, 2005, p.23), vê-se que estas imagens assumem uma conotação bem maior que a de simples referenciais histórico-culturais da civilização sertaneja. Estes filhos da América que ansiavam por novas estradas, novos caminhos, que lutaram por um futuro diferente, “cabeças grávidas” de sonhos de prosperidade são as flores que brotaram nestes chãos.

Essa espécie de reencarnação fantasmagórica a seguir seu destino que é Dona América com a cabeça costurada, traz a ideia de que “os fantasmas de todas as revoluções estranguladas ou traídas, ao longo da torturada história latino-americana ressurgem nas novas experiências” (GALEANO, 2010, p.10). Esta América que não morre nunca, pois não está ali, e sim na cabeça de todos, na cabeça do mundo. Assim, assombrará a todos para sempre, como esta figura que é a própria imagem do horror e da resistência, este fantasma que pairará sempre. Numa terra onde as crianças teimam em nascer, como símbolos de uma continuidade, reivindicando seus direitos, seu lugar ao sol, nesta América que poderia fornecer tudo, mas nega-o.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva *et al.* 15ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: campanha de Canudos. São Paulo: Martin Claret, 2002.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**: gênese e lutas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Trad. Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2010.

LEITE, João Denys Araújo Leite. **Flores D'América**. Recife: Ed. Universitária da UFPE/ SESC Pernambuco, 2005.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol**: violência e banditismo no Nordeste do Brasil. 5ª ed. São Paulo: A Girafa, 2011.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os cangaceiros**: ensaio de interpretação histórica. São Paulo: Boitempo, 2010.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Os cangaceiros**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.